

# A eterna respiração do cosmos

Por Valmir Perez

Os ciclos que dão vida às formas



**A MAIORIA DE NÓS, POR** mais que tenha passado por momentos difíceis na vida, carrega pelo menos algumas boas recordações de infância, e eu não me considero uma exceção. Cresci numa cidade um pouco maior do que as cidades onde todo mundo conhece todo mundo, nos interiores deste imenso país, mas nem por isso fui oprimido por uma grande metrópole, embora, isso, atualmente, esteja mudando num ritmo extremamente rápido em muitos lugares.

Nessas cidades, a vida parece mais lenta. Longe dos anseios fabricados no seio das grandes megalópoles, onde as pessoas são levadas a competir umas com as outras pelas migalhas que caem da mesa das elites; nesses lugares, o mundo é mais manso, mais sereno e mais intenso, no sentido de que as ruas não passam depressa pelas janelas dos carros, as conversas são mais duradouras e atenciosas. É possível assistir a vida em slow motion, e assim sentir mais profundamente a realidade. Ilhas de sossego, onde os ciclos naturais de nascimento, vida e morte são apreciados com mais sensibilidade e respeito.

Também nesses lugares podemos vivenciar mais profun-

damente outros ciclos mais longos e mais distantes, como os das estrelas nos céus. Longe das luzes ofuscantes dos grandes centros urbanos e seus shoppings arrogantes, os astros se tornam menos tímidos, mais abusados. Era nessas noites de calor que, em algumas ocasiões, meu pai nos punha a deitar no chão de cimento quente do quintal da casa para, junto com os filhos, admirar os luminares da criação. Com as luzes da casa apagadas, ele nos apontava um Sírius<sup>1</sup> reluzente e nos explicava ser um enorme sol distante, muito maior que o nosso, que levava em seu rastro um cortejo de planetas reluzentes: as joias da criação. De quando em quando, um asteróide exibicionista atirava-se numa carreira louca contra a atmosfera da terra e, como uma mariposa, numa aventura efêmera, deixava-se queimar e brilhar até a extinção. Mostrava-nos os satélites artificiais, lançados pelos russos e americanos, desconfiados que podiam ser vistos como estrelinhas minúsculas a passear entre os outros astros em passo lento e teimoso.

Explicava-nos que, assim como a terra, outros planetas também tinham as suas luas, às vezes até mais de dez, que

giravam em torno desses mundos em tempos e perímetros diferentes. Não me recordo que esses encontros tenham sido muitos, mas sempre que surgia essa oportunidade voltávamos a falar sobre a imensidão do cosmos; sobre a infinitude e grandiosidade da criação. Em nossas vistas descortinava-se então um pedaço da Via Láctea, que, como um véu, ofertava à nossa vista os seus bilhões de sóis e de mundos; compreendíamos então que nada era estático e tudo seguia a um princípio inteligente. Era o relógio cósmico em movimento que, ao invés de apenas dois ponteiros, mostrava as horas, os dias, os anos e os éons, através das luzes dançantes das estrelas.

Penso que também pode ter sido assim que os primeiros magos da Assíria, lá na antiga Mesopotâmia, às margens do Eufrates<sup>2</sup>, deitados no chão batido da terra de Sargão<sup>3</sup>, iniciaram seus primeiros estudos cosmológicos, determinaram os primeiros movimentos cíclicos universais, forjaram os primeiros calendários. Descobriram que o sol, sua luz e os planetas dançam uma dança cósmica sem sair do ritmo. Uma música complexa e repetitiva.

Talvez tenha sido assim também que os Xamãs Maias e Astecas tenham descoberto os ciclos maiores das revoluções, da mesma forma que os sacerdotes do antigo Egito calcularam as efemérides<sup>4</sup>. Faz-se mister entender que povos com graus de conhecimentos tão avançados e que investiram uma quantidade enorme de tempo e recursos nas observações dos astros e suas evoluções, talvez não tenham sido tão ingênuos, como a ciência oficial teima em demonstrar, no que diz respeito ao uso desses conhecimentos para resolver problemas relacionados à evolução do homem, como ser integrante e participe desse mecanismo cíclico, suas conquistas individuais e coletivas. Talvez a astronomia, filha da astrologia, tenha esquecido de incluir o homem no interior de suas teorias, mas a natureza vive o lembrando de que esses processos latentes ainda estão vivos e funcionando perfeitamente no próprio homem.

Não podemos esquecer que nós, seres humanos, carregamos em nossas entranhas os resultados físicos e comportamentais de nossa interação com os ciclos naturais, cósmicos. É interessante observar que qualquer pessoa submetida a processos que envolvam repetição, sejam eles sonoros, visuais, rituais, ideais, etc. acabam por sofrer um acomodamento psíquico, sempre acreditando que os resultados desses processos, por serem repetitivos, serão também estáveis.

Que seus resultados serão sempre os mesmos, portanto, confiáveis.

Se nos aprofundarmos um pouco mais no assunto, poderemos chegar a outras conclusões muito interessantes, como a de que algumas técnicas de manipulação da vontade humana – como as de propaganda, que, de certa forma, trata da manipulação das massas – utilizam a repetição para criar acomodamento de ideias, crenças e, portanto, direcionamento de vontades e escolhas, anestesiando os movimentos racionais e objetivos em detrimento dos subjetivos, muitas vezes impróprios e totalmente alienados da realidade total dos eventos. Aliás, e provavelmente por esses motivos, a repetição é considerada como um dos alicerces da propaganda. Talvez sua lei mais eficaz. Paul Joseph Goebeels<sup>5</sup> diria que: “A Igreja Católica mantém-se porque repete a mesma coisa há dois mil anos. O estado alemão deve agir analogamente”.

Mas os processos onde encontramos as fórmulas de repetição não carregam em si apenas esse lado negativo, abusivo, da interação do homem com as marteladas massacrantes aos quais está exposto. Pelo contrário! A repetição é fundamental para a criação não apenas de harmonia e beleza, mas de outras inúmeras e variáveis sensações, sistemas, processos físicos, comportamentais, psíquicos, etc. que permanecem fielmente como base de nossa evolução, nos protegendo e auxiliando o nosso desenvolvimento.

Somos envolvidos incessantemente pelos periodismos à nossa volta e são eles que nos mantêm em compasso com a natureza, mantendo a nossa saúde, nossas memórias, nossas aquisições sensíveis. Os batimentos compassados de nosso coração, a constância de nossa respiração, estão intimamente ligados aos demais macrociclos, seja os das marés, da lua, do sol, das estações, etc. Da mesma forma, animais e vegetais partilham essa profunda ligação entre todas as coisas. Nossos processos químicos que dão suporte à vida dependem dessas interações que, caso não existissem, nos lançariam ao caos.

Pois então, acabaremos por entender que essas funções, se assim podemos denominá-las, na tentativa de mais nos aproximarmos de algo vivo, não se apresentam tão dissociadas quando comparadas ao mundo das formas, componentes básicos e inalienáveis da sintaxe visual. Através das infindáveis maneiras de repetirmos elementos e unidades formais, criamos sensações, sentimentos e linguagem, portanto: vida.

Nesse caso, devemos primeiramente considerar

as repetições formais através de suas relações entre os mais variados tipos e características de elementos. Aqui, tratarei somente de alguns, pretendendo, no entanto, utilizá-los para que o leitor possa, futuramente, per si, aprender a distinguir objetiva e subjetivamente essas relações e suas devidas importâncias em universos formais mais complexos.

Wucius Wong<sup>6</sup> divide em oito os principais tipos visuais e relacionais de repetição:

- ✓ De formato
- ✓ De tamanho
- ✓ De cor
- ✓ De textura
- ✓ De direção
- ✓ De posição
- ✓ De espaço
- ✓ De gravidade.

O formato, que poderíamos definir simplesmente como a configuração física de um elemento ou objeto, é, sem dúvida, a atribuição primeira no que tange à linguagem visual. Através do formato, os elementos se mostram ao olhar de maneira essencial. Ao observarmos os formatos, aqui também denominados de formas dos elementos e que se apresentam constantes e repetidos em determinada composição, surge imediatamente em nosso íntimo a sensação de que existe pelo menos alguma harmonia rítmica interior nessa composição e que pode apresentar características bastante abrangentes. Wong ainda nos revela que:

*“Se usarmos uma forma mais de uma vez em um desenho, nós o usamos em repetição.*

*A repetição constitui o método mais simples em desenho. Colunas e janelas em arquitetura, os pés em uma peça de mobiliário, o padrão nos tecidos, ladrilhos no piso constituem exemplos óbvios de repetição.*

*A repetição de unidades de forma geralmente transmite uma sensação imediata de harmonia. Cada unidade de forma repetida é como a batida de algum tipo de ritmo. Quando as unidades de forma são utilizadas em tamanho maior e número menor, o desenho pode parecer simples e evidente; quando são infinitamente pequenas e em grande número, o desenho pode parecer uma porção de textura uniforme, composto de elementos diminuídos.”<sup>7</sup>*

Apenas raciocinando sobre o exemplo acima, é possível imediatamente perceber a importância das escolhas dos elementos que serão repetidos em determinadas composições. As repetições de elementos que possuem a mesma característica formal (inde-

pendentemente de suas dimensões e cores) é matéria mais do que tenaz na atividade projetual dos lighting designers! Ao analisarmos a figura 1, tenderemos a sentir que existe algo que segue um padrão, que possui ritmo e, de certa forma, harmonia. Por esse motivo é que espaços que apresentam pontos de iluminação com luminárias de tipos e formatos diferentes numa mesma sequência espacial podem nos causar certo desconforto.



figura 1

Já na repetição de tamanho dos elementos entra um fator a mais que delimita sua utilização livre. Quando nos reportamos ao tamanho do elemento (à sua dimensão) geralmente estamos comparando esse elemento com um ou mais elementos análogos, portanto, com características semelhantes. É mais difícil conseguirmos harmonizar repetições com elementos extremamente díspares. Isso se dá porque a nossa percepção “exige” uma melhor atenção aos detalhes formais. Porém, elementos que possuem pelo menos algumas semelhanças formais influenciam melhor nosso entendimento e leitura da sintaxe compositiva (figura 2).

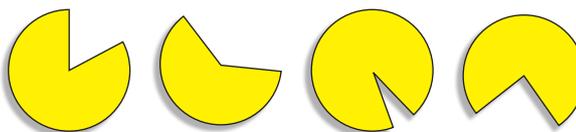


figura 2

Quando elementos de uma mesma composição se repetem através de características cromáticas (figura 3) dizemos que esses elementos denotam processos de “repetição de cor, o que é bastante comum em projetos visuais dos mais variados tipos. Mas isso acontece devido a quê? Por que em grande parte dos projetos visuais esse tipo de repetição é tão utilizado? Se analisarmos mais cuidadosamente, observaremos que as cores representam um papel fundamental no jogo visual. Isso se dá mais especificamente porque nosso sistema perceptivo-visual foi moldado pela nossa interação com o universo natural externo, o qual, nesse específico planeta, apresenta uma riqueza infindável de variações cromáticas. Mesmo nas regiões polares ou desérticas, as quais muitas vezes pensamos serem extremamente monótonas, quando

se trata de cromatismo natural, encontraremos essa diversidade nas formas de projeções cromáticas da aurora boreal (polos) e nos nascimentos e ocultos do sol (desertos), os quais determinam um grande leque espectral à visão humana.

Mesmo com variações formais e dimensionais perceberemos uma correlação implícita entre elementos de uma mesma cor, nos mais variados tipos de composições. Algumas composições, inclusive as realizadas através de iluminação nos espaços, que possuem formas distintas e cores análogas, nos fazem sentir que existem correlações subjetivas, o que nos permite criar linguagens que podem oferecer sensações de harmonia, completude, ou mesmo de separação e distanciamento entre outros elementos do conjunto. Podemos criar uma variedade imensa de “propósitos” através da manipulação cromática. Cabe aqui ressaltar que na atualidade isso vem sendo muito utilizado e, muitas vezes, sem aquele entendimento mais embasado, mais fundamentado, o que pode ocasionar, em alguns casos, certas “dissonâncias” compositivas.

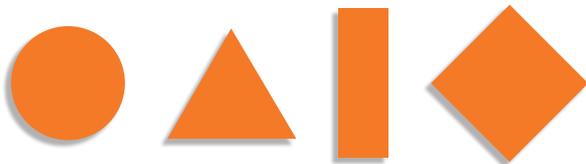


figura 3

Já na repetição de textura (figura 4), as formas e as dimensões tornam-se signos quase secundários para a nossa percepção, embora, ainda assim, essas características formais entrem no jogo perceptivo. É bom não esquecer que quando tratamos de sintaxe visual, tudo o que se relaciona às características das formas (cores, texturas, dimensões, etc.) nunca pode ser discutido separadamente, mas inevitavelmente através de suas correlações internas e externas, ou seja, como unidades vivas em si mesmas e viventes no universo das composições. Voltando propriamente às características de textura de um elemento, notaremos que texturas iguais, mesmo apresentando cores diferentes, ainda assim, nos proporcionam sensações de harmonia, continuidade, correlação, etc. Para os projetistas de iluminação, falar de textura no passado seria tema quase inócua, dada a ausência de soluções tecnológicas, mas hoje não! As tecnologias atuais permitem aos lighting designers projetar a iluminação de espaços baseados, inclusive, nas texturas bi e tridimensionais resultantes da incidência de determinadas luzes, instrumentos, forma e disposição das fontes.

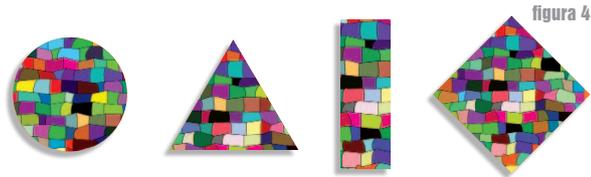


figura 4

Na repetição de direção (figura 5) não poderá haver ambiguidades. É importante reconhecer que elementos formais circulares, muito complexos ou orgânicos, impedem ou dificultam a nossa percepção de direção dessas formas. Ao contato com elementos dispostos e que apresentam sintomas de mesma direção no interior de uma composição, rapidamente nos damos conta de que existe harmonia e que essa harmonia vem carregada de movimento, como numa dança, e de que existe também uma continuidade desse movimento.

Criar repetições através de direcionamento na arte de iluminar é muito comum. Essas repetições realizadas principalmente com luzes projetadas chamam primeiramente a atenção do observador por lhe “dizer” que nesse espaço algo está sendo subjetivamente proposto. Que foi criado intencionalmente para o seu olhar.

Além disso, é impossível negar que a repetição de fontes luminosas utilizadas como sinalizadoras em passagens e caminhos é de fundamental importância em algumas aplicações. Se essas repetições se utilizarem ainda das mesmas características formais (instrumentos e fontes) e forem posicionadas de maneira simétrica e com mesma distância entre si, evocarão no observador a sensação de segurança, pelo mesmo motivo citado acima: a relação ontológica humana entre repetição e confiabilidade nas situações e eventos.

Por repetição do espaço devemos entender que elementos de uma composição se relacionam positiva ou negativamente com o seu espaço de suporte, ou seja, estamos tratando de repetições que abrangem completamente o todo da composição. A disposição e a quantidade desses elementos no espaço também é o outro fator preponderante quanto à característica da visualidade consequente dessas interações. Lembremos mais uma vez que “quanto mais elementos repetidos num mesmo espaço, maior complexidade” e, portanto, mais provocação de sensações de uniformidade. Quanto menos elementos, mais sensações que remetem à simplicidade da composição.

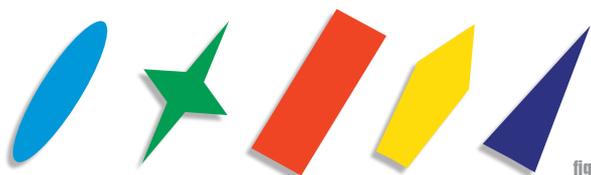


figura 5

A repetição de gravidade é um conceito ainda mais abstrato. Elementos pesados e leves numa composição podem se repetir e, dessa forma, nos trazer sensações diversas. Em todos esses casos estaremos nos remetendo ao que a Gestalt<sup>8</sup> denomina de “pregnância da forma”. De como vemos e sentimos conceitos variadíssimos como unidade, segregação, unificação fechamento, proximidade, semelhança, etc.

A continuidade ou continuação é também um desses conceitos ou leis da Gestalt. Segundo João Gomes Filho,

*“A continuidade, ou continuação, define-se como a impressão visual de como as partes se sucedem por meio da organização perceptiva da forma de modo coerente, sem quebras ou interrupções (descontinuidades) na sua trajetória ou na sua fluidez visual.*

*Significa também a tendência dos elementos de acompanharem uns aos outros, de maneira tal que permitam a continuidade de um movimento para uma direção já estabelecida, por meio de unidades formais como pontos, linhas, planos, volumes, cores, texturas, brilhos, degradês e outros.*

*A continuidade com fluidez visual concorre, quase sempre, no sentido de se alcançar a melhor forma possível do objeto, a forma mais estável estruturalmente, em termos receptivos. Nesse caso, a Gestalt a qualifica utilizando o adjetivo de boa continuidade ou boa continuação”<sup>9</sup>.*

Repetição ou continuidade, na maioria dos casos, é fundamental para obtenção de equilíbrio. Em se tratando de referências visuais em projetos de iluminação nos espaços construídos e nos espaços cênicos, sua importância torna-se capital. É através das repetições que alteramos os espaços, de maneira a criar conforto e intencionalidade também na dimensão tempo, refletindo os ciclos do olhar e da percepção. Repeti-

ções e continuidades são as bases dos ciclos, sejam eles naturais ou artificiais. Um modo de expressarmos a beleza da harmonia que se baseia na complementação continuada. Acredito que seja imperioso para os designers de iluminação entender que os seus projetos, suas obras visuais, necessitam “falar” harmoniosamente através da repetição, criando movimentos nos espaços e, assim, propiciando estados de espírito também mais harmoniosos.

Dispor luminárias e luzes nos espaços não é simplesmente um exercício de gosto, mas, acima de tudo, de conhecimento e sensibilidade. Conhecimento objetivo e subjetivo das relações entre esses com o restante dos elementos contidos em determinados espaços. É também conhecer as relações dos ciclos que se desenvolvem, harmonizando nesses universos os sentidos visuais e, mais ainda, harmonizar a dinâmica, em espaços de tempos distintos.

As batidas rítmicas dos tambores rituais dos nossos ancestrais, cantando seus mantras repetitivos nas noites de lua não foram em vão. Eles talvez sentissem intimamente o pulsar da vida que impregna todas as formas e em cuja natureza rítmica queriam adentrar. Trazemos ainda o eco dessas batidas em nosso interior humano. Ouvir o canto dos movimentos dos astros é abrir os olhos a essa natureza e compreender que seus movimentos são a sua intimidade. É despertar para a imensa grandeza que nos rodeia. Para a imensa e bela linguagem à nossa volta. ◀



Valmir Perez

é lighting designer, graduado em Artes e mestre em Multimeios. É responsável pelo Laboratório de Iluminação da Unicamp, onde desenvolve projetos de iluminação, captação de imagens e de softwares, além de ministrar cursos, workshops e palestras. Contato – valmirperez@gmail.com/www.iar.unicamp.br/lab/luz.

1 Sirio (Sirius, α CMA, α Canis Majoris, Alpha Canis Majoris) é a estrela mais brilhante no céu noturno, com uma magnitude aparente de  $-1,46$ , localizada na constelação de Canis Major. Pode ser vista a partir de qualquer ponto na Terra, sendo que no Hemisfério Norte faz parte do Hexágono do Inverno. Dista 2,6 parsecs (ou 8,57 anos-luz) da Terra, sendo por isso uma das estrelas mais próximas do nosso planeta. A sua estrela vizinha mais próxima é Procyon, à distância de 1,61 pc ou 5,24 anos-luz, com um espectro de tipo A0 ou A1 e uma massa cerca de 2,4 vezes maior que a massa do Sol. A melhor época do ano para observação situa-se em meados do mês de janeiro, quando atinge o meridiano à meia-noite. Wikipédia A Enciclopédia Livre - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sirius> Em 26/01/2012. 2 Rio Eufrates (nome tradicional, em aramaico Frot/Frat, Persa antigo Ufrat, em árabe وادي الفرات, e em turco Fırat), é um dos rios que forma a Mesopotâmia juntamente com o Rio Tigre, onde hoje é o atual Iraque. Wikipédia A Enciclopédia Livre - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Eufrates> Em 26/01/2012. 3 Sargão I foi um monarca do antigo reino assírio, que teria reinado de 1920 a 1881 a.C. De acordo com a mitologia local, teria nascido de uma mãe pobre, nas regiões altas do rio Tigre, que o colocou num cesto e o confiou às águas do rio. Wikipédia A Enciclopédia Livre - [http://pt.wikipedia.org/wiki/Sarg%C3%A3o\\_I](http://pt.wikipedia.org/wiki/Sarg%C3%A3o_I) em 07/01/2012. 4 Efemérides significam, em latim, “memorial diário”, “calendário” (ephemēris, idis), ou, em grego, “de cada dia” (ephēmeris, idos). A palavra efêmero/a (“que dura um dia”) tem a mesma etimologia. Uma efeméride é um fato relevante escrito para ser lembrado ou comemorado em um certo dia, ou ainda uma sucessão cronológica de datas e de seus respectivos acontecimentos. Há a possibilidade de classificá-la de diversas formas, como, por exemplo, histórica, vexilológica ou hagiográfica. Na forma plural, “efemérides”, nomeadamente, “efemérides astronômicas” ou “efemérides monárquicas”, é o termo usado por magos, astrônomos, astrólogos e monarcas para anunciar a tanto as ocorrências de alguns acontecimentos celestiais (eclipse, cometas) bem como escolher a posição dos astros para assinaturas e tratados imperiais tudo de acordo com a posição dos astros de cada dia, normalmente encontrados num conjunto de tabelas denominadas hoje efemérides astronômicas, que indicam a posição dos astros para cada dia do ano. Modernamente, as efemérides astronômicas são calculadas por algoritmos. Wikipédia A Enciclopédia Livre <http://pt.wikipedia.org/wiki/Efem%C3%A9rides> em 07/01/2012. 5 Paul Joseph Goebbels (Mönchengladbach, 29 de outubro de 1897 — Berlim, 1º de maio de 1945) foi o ministro da Propaganda de Adolf Hitler (Propagandaminister) na Alemanha Nazista, exercendo severo controle sobre as instituições educacionais e os meios de comunicação. Foi uma figura-chave do regime, conhecido por seus dotes retóricos. Era um dos líderes políticos nazistas mais destacados que tinham concluído estudos superiores. Teve uma posição correspondentemente importante entre os nazistas. Wikipédia A Enciclopédia Livre. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Goebbels> em 22/01/2012. 6 WONG, Wucius, Princípios de Forma e Desenho. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Pág. 51. 7 Op. cit. Pág. 51. 8 Gestalt, palavra alemã sem tradução exata em português, refere-se a um processo de dar forma, de configurar “o que é colocado diante dos olhos, exposto ao olhar”: a palavra Gestalt tem o significado (...) de uma entidade concreta, individual e característica, que existe como algo destacado e que tem uma forma ou configuração como um de seus atributos.” A Gestalt ou psicologia da forma, surgiu no início do século XX e, diferente da gestalt-terapia, criada pelo psicanalista berlinense Fritz Perls (1893-1970) [nota 1], trabalha com dois conceitos: supersoma e transponibilidade. O psicólogo austríaco Cristian von Ehrenfels apresentou esses critérios pela primeira vez em 1890, na Universidade de Graz. Wikipédia A Enciclopédia Livre [http://pt.wikipedia.org/wiki/Psicologia\\_da\\_forma](http://pt.wikipedia.org/wiki/Psicologia_da_forma) em 30/01/2012 9 G. FILHO, João, Gestalt do Objeto – Sistema de Leitura Visual da Forma. São Paulo: Escrituras, 2009. Pág. 33.